



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 18/10/2024 e 24/10/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
18/10/2024	9,70	315,60	41,82	5,72	4,04
20/10/2024	9,81	318,30	42,39	5,72	4,09
21/10/2024	9,91	317,70	43,69	5,76	4,16
22/10/2024	9,97	315,00	43,39	5,78	4,19
23/10/2024	9,96	310,40	44,33	5,81	4,21
Média	9,87	315,40	43,12	5,76	4,14

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	129,00	
RS – Não Me Toque	126,00	
RS – Londrina	SC	
PR – M.C.Rondon	132,00	
MT – C.N.Parecis	133,00	
MS – Maracaju	142,00	
GO - Rio Verde	124,00	
BA – L.E.Magalhães	124,70	
MILHO(**)		
Porto de Santos	71,00	CIF
Porto de Paranaguá	69,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	63,00	
SC – Rio do Sul	SC	
PR – M.C.Rondon	59,00	
PR – Londrina	S/C	
MT – C.N.Parecis	50,00	
MS – Maracaju	62,00	
SP – Itapetininga	70,00	
SP – Campinas	72,00	CIF
GO – Rio Verde	60,00	
GO – Jataí	60,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	67,00	
RS – Não Me Toque	67,00	
PR – Londrina	SC	
PR – M.C.Rondon	79,00	

Período: 23/10/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 24/10/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	63,72	125,82	67,39

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
24/10/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	116,32
Feijão (saco 60 Kg)	332,00
Sorgo (saco 60 Kg)	55,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,88
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,66 **
Boi gordo (Kg vivo)*	8,79

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Agosto/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, nesta semana, reagiram um pouco em Chicago. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (24) em US\$ 9,96/bushel, contra US\$ 9,88 uma semana antes.

Não existem muitos motivos para altas em Chicago, salvo o receio de novas medidas de protecionismo comercial caso Trump ganhe as eleições em novembro. Isso será baixista na sequência, porém, no curto prazo faz acelerar as vendas da oleaginosa estadunidense, aumentando a demanda local.

Dito isso, 81% da área de soja dos EUA havia sido colhida até o dia 20/10, contra a média histórica de 67% para a data.

Por outro lado, na semana encerrada em 17/10 o volume embarcado de soja pelos EUA atingiu a 2,4 milhões de toneladas. O mesmo é um pouco abaixo do registrado no mesmo período de 2023, que foi de 2,6 milhões. Em todo o atual ano comercial, as vendas atingem, atualmente, 7,9 milhões de toneladas, contra 8,1 milhões no mesmo período do ano anterior.

Já os prêmios de exportação da soja, nos EUA, estão nos níveis mais altos dos últimos 14 meses, pois os comerciantes de grãos estão se adiantando para vender a safra de grãos recorde que está em finalização de colheita, antes das eleições presidenciais nos EUA, pois o resultado das mesmas é uma incógnita, podendo haver tensões comerciais com a China caso Trump venha a ganhá-las, como já ocorreu quando de seu primeiro mandato entre 2017 e 2020. O risco é, logo à frente, os EUA ficarem com excesso de soja em estoque em um momento em que os preços locais são os mais baixos em quatro anos. “As ameaças de tarifas nos discursos de campanha do candidato à presidência Donald Trump estão levando alguns importadores chineses a evitar os embarques dos EUA a partir de janeiro. Em vez disso, esses compradores estão reservando soja brasileira, e pagando até 40 centavos de dólar por bushel a mais do que pagariam nos Estados Unidos, em uma mudança sazonal antecipada que está encolhendo a janela de exportação dos EUA.” (cf. AgResource Co). Já o plano da candidata Kamala Harris é de manter as tarifas praticamente como estão agora. Para se ter uma ideia da preocupação pré-eleição, a mesma soja carregada nos EUA, em novembro, estaria disponível por 27 centavos de dólar por bushel a menos do que hoje, o que representa uma economia em torno de US\$ 14.000,00 por barcaça de 1.500 toneladas carregada.

E no Brasil, os preços subiram puxados pelo câmbio, o qual atingiu a R\$ 5,70 por dólar em alguns momentos da semana, se aproximando do recorde dos últimos anos. Assim, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 125,82/saco, enquanto as principais praças locais negociaram o produto entre R\$ 126,00 e R\$ 129,00/saco. Já nas demais regiões do país, os preços oscilaram entre R\$ 124,00 e R\$ 142,00/saco.

Ainda em termos de preço, ao se considerar que o câmbio volte a um patamar mais próximo do normal no momento da nova colheita gaúcha (março/abril), ou seja, em torno de R\$ 5,00 a R\$ 5,20, de um prêmio que aponta para US\$ 0,30/bushel em abril/25, e um bushel a US\$ 9,00 no mesmo mês, o preço líquido da soja no Rio Grande do Sul poderá se estabelecer entre R\$ 89,00 e R\$ 93,00/saco. Caso o bushel

se mantenha ao redor dos atuais US\$ 9,70, o câmbio ceda menos e venha a R\$ 5,40, e o prêmio fique nos US\$ 0,30 indicados, o saco de soja chegaria em torno de R\$ 103,00. Lembrando que, se o câmbio desvalorizar acima desses valores, o preço em reais da soja melhora, porém, os custos de produção futuros sobem na mesma proporção e até mais. Com isso, em muitos casos, mesmo com uma produtividade normal, muitos produtores podem não conseguir pagar todos os seus custos de produção. Tomando-se o caso do Mato Grosso, maior produtor de soja do Brasil, segundo estudo do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea), os custos de produção da soja, para 2024/25, deverão totalizar R\$ 7.118,38/hectare naquele estado. No entanto, a receita estimada de R\$ 6.507,98/hectare para a nova safra não cobre todas as despesas, resultando em um déficit de R\$ 610,40, considerando uma produtividade média de 57 sacos/hectare. Esta é uma realidade que, guardadas as proporções de comparação, atinge o conjunto do país. Mais uma vez, para mitigar o problema, os produtores terão que gerenciar muito bem seus custos de produção e a comercialização da nova safra.

Por sua vez, o esmagamento de soja brasileiro, em 2024, está estimado em 54,6 milhões de toneladas. Para 2025 está sendo esperado um esmagamento de 55,5 milhões de toneladas de soja no país. Quanto às exportações, o total poderá chegar a 107 milhões de toneladas no próximo, caso a safra futura fique entre 165 e 172 milhões de toneladas como vem sendo projetada (cf. Safras & Mercado).

Em se confirmando uma safra futura nos níveis indicados, a oferta total da oleaginosa (produção+estoques+importações) poderá crescer 11% sobre 2024, atingindo a 175,2 milhões de toneladas, fato que poderá elevar os estoques finais, em 2024/25, em 181%, atingindo a 9,2 milhões de toneladas. Já a produção brasileira de farelo de soja chegaria a 42,7 milhões de toneladas, com aumento de 2%. Considerando exportações de 22 milhões e consumo interno de 20,3 milhões, os estoques finais em 2024/25 subiriam 18% para este subproduto, atingindo a 2,6 milhões de toneladas. Enfim, a produção de óleo de soja, pelo Brasil, chegaria a 11,1 milhões de toneladas. Considerando as exportações, o consumo interno e o uso do mesmo para biodiesel, os estoques deste subproduto, em 2024/25, poderão recuar 35%, ficando em 275.000 toneladas. Lembrando que a fabricação de biodiesel no Brasil consumirá 6 milhões de toneladas de óleo de soja neste novo ano comercial (cf. Safras & Mercado).

Enfim, destaca-se que o plantio da nova safra continua atrasado, tendo atingido a 18% da área esperada no dia 17/10. No ano passado, nesta época, o mesmo atingia a 30% da área (cf. AgRural). Importante se faz registrar que neste mês de outubro o regime de chuvas no Centro-Oeste, Sudeste e Norte/Nordeste brasileiros está voltando ao normal.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, melhoraram durante a semana. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (24) em US\$ 4,21/bushel, contra US\$ 4,06 uma semana antes.

A colheita nos EUA, até o dia 20/10, atingia a 65% da área semeada, superando a média histórica para a data, que é de 52%. Enquanto isso, os embarques de milho

estadunidense, na semana encerrada em 17/10, somaram 999.811 toneladas. Com isso, o total exportado no atual ano comercial soma 5,8 milhões de toneladas, contra 4,4 milhões um ano antes no mesmo período.

E no Brasil, os preços continuam em alta, refletindo a menor colheita da safrinha e algumas dificuldades climáticas que atingem o plantio e o desenvolvimento da nova safra de verão. Neste último caso, o plantio chegava a 48% da área no Centro-Sul brasileiro, contra 46% um ano atrás (cf. AgRural).

A média gaúcha fechou a semana em R\$ 63,72/saco, enquanto as principais praças negociaram o produto a R\$ 63,00/saco. Já nas demais regiões brasileiras o milho foi negociado entre R\$ 50,00 e R\$ 70,00/saco.

Pelo lado das exportações nacionais de milho, a Secex informou que, nos primeiros 14 dias do mês de outubro, o volume atingiu a 3,9 milhões de toneladas. Com isso, a média diária está 30,5% abaixo da média obtida com as vendas em todo o mês de outubro do ano passado. Por enquanto, o acumulado do ano atinge 24,5 milhões de toneladas, contra 34,5 milhões no mesmo período do ano anterior. Ou seja, o ritmo de exportação deste ano está bem abaixo do necessário.

Neste momento, quem comanda o cenário de exportação de milho mundial é os EUA, já que o cereal brasileiro está caro e apresenta menor disponibilidade.

Outrossim, a Conab informa uma área de verão já semeada bem menor do que o setor privado, indicando 32,3% do total esperado até o dia 20/10, contra 33% no mesmo período do ano anterior. Segundo o órgão público, 14,3% das lavouras semeadas estavam em fase de germinação e 85,7% em desenvolvimento vegetativo.

Enfim, o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária) apontou que, entre agosto e setembro, o custo dos fertilizantes no Mato Grosso, para a safra de milho 2025, aumentou em 1,65%. O custo deste insumo representa 35,8% do custeio da cultura do milho para a safra 2024/25 naquele Estado. Por sua vez, o preço médio do cereal local, em setembro, subiu 2,03% sobre agosto. Com isso, “a relação de troca entre milho e ureia, em setembro, ficou em 67,5 sacos/tonelada, o que representa recuo de 14,2 sacos/tonelada em relação ao mesmo mês de 2023 e de 4 sacos/tonelada em relação a média histórica. Assim, a rentabilidade final do milho safrinha no Mato Grosso está se desenhando melhor para 2024/25. É provável que tal realidade esteja presente em outras regiões de produção do país.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, ao contrário da soja e milho, cederam um pouco nesta semana em Chicago. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (24) em US\$ 5,81, contra US\$ 5,89 uma semana antes.

Nos EUA, o plantio do trigo de inverno chegava, no dia 20/10, a 73% da área esperada, contra 76% na média histórica. Do total semeado, 46% havia germinado naquela data, contra 50% na média.

Por sua vez, os embarques estadunidenses de trigo acusaram um volume de 268.375 toneladas na semana encerrada em 17/10. Assim, no total do atual ano comercial, os EUA exportaram 9,3 milhões de toneladas, contra 6,9 milhões no mesmo período do ano anterior.

Na Argentina, as chuvas melhoraram a situação em muitas lavouras de trigo, porém, ainda há 34% das mesmas em situação ruim, com 47% delas apresentando déficit hídrico.

E no Brasil, a nova frustração de safra, que vem parcialmente se consolidando, em relação ao esperado, começa a reverter a tendência baixista que havia nos preços internos do cereal. No Rio Grande do Sul os mesmos ficaram ao redor de R\$ 67,00/saco para o produto de qualidade superior, enquanto no Paraná as principais praças negociaram o produto a R\$ 79,00/saco.

Como já havíamos destacado nos últimos comentários, as chuvas e o forte calor (mormaço em muitos casos) estão reduzindo a qualidade do trigo gaúcho. O chamado Falling Number (retrata o potencial de teor de amido das farinhas de trigo, sendo que quanto menor o valor do Falling Number, maior será o teor de amido danificado) despencou junto ao trigo colhido após as chuvas de outubro. Assim, muitas cargas foram devolvidas pelos moinhos no início da semana devido às baixas classificações. No momento, os técnicos evitam arriscar uma previsão quanto à qualidade do que ainda está nas lavouras gaúchas.

No Rio Grande do Sul, até o dia 17/10 a colheita atingia a 3% da área, contra 20% na mesma época do ano anterior. No Noroeste gaúcho, onde a colheita está mais adiantada, com o avançar da mesma, aumenta o número de solicitações de Proagro. Somente o escritório da Emater de Ijuí já registra em torno de 50 pedidos. Segundo a instituição local “há lavouras com rendimento de menos de 40 sacos por hectare e PH (qualidade) baixo. Para cobrir os custos de produção na região é preciso colher entre 45 e 50 sacos. Com cerca de 20% do trigo colhido em Ijuí, a produtividade média está entre 30 e 60 sacos por hectare” (cf. RPI/Emater).

Em termos de Brasil, a colheita, até o dia 13/10, atingia a 41,8% segundo a Conab, com o Paraná batendo em 87% da área no dia 21/10. Do que ainda faltava colher no estado paranaense, 16% se apresentava em condições ruins.

Já em São Paulo, o otimismo igualmente diminuiu. O Estado paulista esperava colher entre 320.000 a 350.000 toneladas de trigo. Neste momento, as estimativas indicam que nem mesmo 300.000 toneladas serão alcançadas.

Este quadro geral vai confirmando a tendência de uma safra final brasileira, em trigo, ao redor de 7,5 milhões de toneladas, sem contar uma boa parte com qualidade inferior, mais uma vez infelizmente.

Enfim, vale destacar que a Bolsa Brasileira de Mercadorias (BBM), a Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), e a Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul (Ocergs), se reuniram na semana passada com a Conab para tratar dos leilões do Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural (Pepro), e do Prêmio Para Escoamento do Produto (Pep), da cultura do trigo.

Consta que muita gente ainda não recebeu o pagamento dos prêmios referentes às operações do ano passado. “Após o encontro, a Conab teria se comprometido a dar celeridade aos pagamentos afirmando que o processo já está em fase de reanálise. No dia sete de novembro haverá uma nova reunião da Câmara Setorial das Culturas de Inverno do RS com a Conab para que se avaliem novos leilões de Pep e Pepero de trigo, pois o atual preço mínimo está em R\$ 78,51/saco, enquanto os preços de balcão, pagos diretamente ao produtor, estão no patamar médio de R\$ 65,00. Ou seja, há uma diferença de pouco mais de R\$ 13,00/saco que deve ser garantida pelo governo.” (cf. BBM).